

Linguagem e Domesticação

Fernando Freitas Fuão¹²²; Bianca Ramires Soares¹²³

Resumo

Este artigo apresenta a linguagem como um dos elementos estruturais da domesticação humana; compreendida como um sistema de signos e representações, a linguagem simbólica desempenhou um papel central na organização da experiência humana delimitando as formas de percepção, de pensamento e de existência. Este processo de domesticação adquire ênfase a partir do século XVIII, quando se consolida uma gramática universalizante, no mesmo período quando se criaram os Estados-Nações. O artigo se fundamenta a partir dos escritos de John Zerzan, e reforça-se com as contribuições a crítica à domesticação de Michel Foucault, Heidegger e Jacques Derrida; assim como também a teoria da linguagem como vírus do escritor William Burroughs, e as novas aportações da neolinguística com Miguel Nicolelis e Rupert Sheldrake.

Palavras-chave: linguagem; domesticação; John Zerzan.

Resumen

Este artículo presenta el lenguaje como uno de los elementos estructurales de la domesticación humana. Entendido como un sistema de signos y representaciones, el lenguaje simbólico desempeñó un papel central en la organización de la experiencia humana, delimitando formas de percepción, pensamiento y existencia. Este proceso de domesticación cobró relevancia a partir del siglo XVIII, con la consolidación de una gramática universalizadora, y durante el mismo período que la creación de los estados-nación. El artículo se basa en los escritos de John Zerzan y se ve reforzado por las contribuciones de Michel Foucault, Heidegger y Jacques Derrida, así como por la teoría del lenguaje como virus de William Burroughs y las nuevas aportaciones de la neolingüística de Miguel Nicolelis y Rupert Sheldrake.

Palabras clave: lenguaje; domesticación; John Zerzan.

“Omama não nos deu nenhum livro mostrando os desenhos das palavras de Teosi, como os dos brancos. Fixou suas palavras dentro de nós. Mas, para que os brancos as possam escutar, é preciso que sejam desenhadas como as suas. Se não for assim, seu pensamento permanece oco. Quando essas antigas palavras apenas saem de nossas bocas, eles não as entendem direito e as esquecem logo. Uma vez coladas no papel, permanecerão tão presentes para eles quanto os desenhos das palavras de Teosi, que não param de olhar.”

Davi Kopenawa¹²⁴

Introdução

Para dar início ao discurso sobre linguagem e domesticação chamamos de entrada uma breve reflexão, porém contundente, do filósofo Janos Biro Marques Leite, que nos oferece uma compreensão da linguagem como um dispositivo historicamente associado à domesticação da

¹²² Doutor em Arquitetura e Urbanismo, Professor Titular da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail para contato: fuao@ufrgs.br.

¹²³ Mestra em Arquitetura e Urbanismo, estudante de Doutorado em Arquitetura e Urbanismo (PROPAR/UFRGS), com período sanduíche na Universidade de Coimbra – FLUC.

¹²⁴ Davi Kopenawa; Albert, Bruce. *A queda do céu*. Palavras de um xamã Yanomami. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 77.

experiência humana, tal como concebera John Zerzan anteriormente. Em seu escrito *Etologia da domesticação: ensaio de filosofia da biologia*, Leite propõe um deslocamento fundamental: em vez de considerar a linguagem como uma condição natural e originária da humanidade, apresenta-a como uma invenção recente, surgida dentro do contexto do projeto civilizatório. Tal invenção teria desempenhado um papel central na conformação das subjetividades, no controle da imaginação e no modo de pensar. Nesse sentido, a linguagem articulada ao organizar o mundo por meio de signos e categorias também impôs limites às formas possíveis de perceber, sentir e existir, tal como enunciara anteriormente Martin Heidegger. Nesse sentido, Leite (2009) relembra que antes dela os seres humanos já se comunicavam, compreendiam e interagem com o mundo de outras formas.

Tratando-se de domesticação, bem anteriormente, o pensador John Zerzan é um dos teóricos mais radicais da linguagem, suas principais críticas aparecem através de grandes temas como a domesticação da linguagem, a domesticação do tempo e a domesticação da natureza. Nestes trabalhos também estão relacionadas questões sobre a domesticação do feminino, a divisão social do trabalho, temas relacionados ao surgimento da linguagem simbólica como a mais potente forma de domesticação. A arquitetura não comparece diretamente como objeto alvo nos escritos de Zerzan, embora a própria raiz etimológica de “domus” estabeleça essa correlação direta e inegável com a domesticação.¹²⁵ Os principais trabalhos de John Zerzan sobre crítica à linguagem que aqui abordaremos nesse ensaio são: *Correndo no vazio, o fracasso do pensamento simbólico*; *Too Marvelous for Words (A Linguagem brevemente revisada)*.

Anteriormente a John Zerzan, Michel Foucault (1981) observara em *As Palavras e as Coisas* que: “a linguagem representa o pensamento como o pensamento se representa a si mesmo, onde uma representação é capaz de articular outra”. Ou, antes mesmo, Heidegger em suas obras referenciais *Ser e tempo* (2012) e *Construir, Habitar, Pensar* (2001) já concebia que a linguagem funda o “ser” (*Dasein*) – somos o que somos pela linguagem, pensamos o que pensamos através da linguagem, e ela determina todo nosso pensar, e que não conseguimos fora da linguagem.¹²⁶

¹²⁵ Nesse sentido, veja-se Fernando Freitas Fuão. “Arquitetura e Domesticação I”. *Vitruvius*, Arqutextos. 272.00 antropologia e arquitetura. Ano 23, jan. 2023; e “Arquitetura e Domesticação II”. *Vitruvius*, Arqutextos. 273.00 antropologia e arquitetura. Ano 23, fev. 2023. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arqutextos/23.273/8721>; <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arqutextos/23.271/8703>.

¹²⁶ Em *Ser e tempo*, Heidegger nos mostra que o ser é o próprio tempo; e também como “o ser é o que é” pela linguagem, a linguagem faz o homem; para ele, a linguagem também contém o próprio tempo. Devemos pensar com Zerzan que a ideia do tempo surge conjuntamente com a linguagem. O próprio “ser-aí” já carrega o seu tempo, não está no tempo, é o tempo. Para Heidegger também, pensar já é um morar, pensar é também construir, e construir é morar, pensar. Trocando o ser pelo estar: o pensar está no morar, o pensar está também no construir, e o construir está no morar, no pensar. Mas, esse “eu construo o que penso” é também o que eu falo; assim eu também “habito

Construir, em alemão é *bauen*, para Heidegger esse *bauen* tem seu sentido e significação no cultivo, no cultivar, no cuidar, no proteger; portanto o construir se constitui como uma “ura”, uma cultura, um cultivo; ou seja, para Heidegger a cultura é um cultivo, uma construção. Embora Heidegger não expresse isso, mas é exatamente enquanto cultura, constituição de cultura que o construir, esse *bauen*, estará também nas origens da domesticação e da própria linguagem. Segundo Heidegger (2001), o ser somente se torna ser através da linguagem. O ser da linguagem. A linguagem como “sendo” a casa do ser assim expressou-se. Entretanto, talvez, poderia ter dito também: “a linguagem como o *domus* do ser”, a linguagem como doma do ser, linguagem como guarda e domesticação do ser.

A partir do século XVIII, essa linguagem, como diz Foucault (1981) se tornaria também análise do próprio pensamento: “não simples repartição (divisão), mas instauração profunda da ordem no espaço”; a isso, como diz Foucault, se chamou *Gramática Geral*, e se estabelece a partir da Idade Clássica, ou seja, a partir do século XVIII. A linguagem ao se gramatizar, analisar, dividir, classificar, organizar a fala e a escrita, acabou repassando automaticamente essa analítica ao pensar; assim, os pensamentos que pensamos são frutos da linguagem gramatizada, o nosso pensar é essencialmente pensamento gramatizado, dividido, organizado, contido, embora a linguagem, por mais que se esforce, não seja capaz de abarcar todas as experiências sensoriais.

Como observara Foucault, esse discurso é o próprio objeto de conflito do homem, pensar e linguagem, quem pensa? Quem fala por nós?:

Conhecimento e linguagem estão estreitamente entrecruzados. Também, “saber” é falar como se deve, e como o prescreve o procedimento certo do espírito: falar é saber como se pode e segundo o modelo que impõe aqueles com quem se partilha o nascimento. [...] Assim pertence à natureza mesma da gramática ser prescritiva, prescritiva, não porque pretendesse impor as normas de uma bela linguagem, fiel às regras do gosto, mas porque ela se refere à possibilidade radical de falar a colocação em ordem da representação, que é a lógica. [...] Daí a possibilidade de se fazer também uma história da liberdade e da escravidão a partir das línguas. (FOUCAULT, 1981, p. 102-103)

e me habito no que penso”, no que moro; moro e habito a linguagem, habito nesse pensar. Habito, sou habituado, me habito. “Habitar é também um modo de pensar”, morar é um modo de pensar e construir decorre disso que: “eu penso o que penso”, porque também habito essa terra de um certo modo costumeiro, habitual, numa certa construção já construída, pensada, morada. Essa construção tem seu correlato na construção da linguagem. É habituando o pensar que construo, domestico o mundo. O pensamento está sempre me construindo, me constituindo; e simultaneamente, meu modo de construir está sempre me pensando, “memorando”. O modo de construir as cidades e tudo mais acaba por me construir, me pensar. Essa tem sido também, inversamente, a aposta da desconstrução que ao desconstruir a linguagem, desconstrói o pensar e a morada, o modo de viver.

A instauração da Gramática, tanto na linguagem falada como na escrita propriamente dita, balizará também a forma de falar, e toda representação se baseará, como tão bem Foucault descreveu em *As palavras e as Coisas*, se dará através da divisão, do distanciamento, da partição, do agrupamento distanciado de afinidades, similaridades, uma ordem hierárquica de divisão, em uma taxinomia, uma sistematicidade de compartimentação e distribuição, todas elas muito similares à ordem empregada na sociedade, na cidade quando esteve afetada pela peste, como tão bem descreveu em *Vigiar e Punir*.

Como diz Foucault: “Porque se tornou análise e ordem, a linguagem estabeleceu com o tempo, relações até então inéditas” (FOUCAULT, 1981, p. 102). Do mesmo modo, porque a arquitetura se tornou análise e ordem, a linguagem arquitetônica estabeleceu em um breve período de tempo relações até então inéditas, que são essas precisamente que estamos inseridos na cidade, e de alguma forma não nos permitem pensá-la de uma forma distinta da que vivemos.

Essa linguagem analítica do século XVIII que decompôs tudo, decompôs até as cidades medievais europeias, é totalizadora por natureza, se representou na cidade, principalmente nas cidades do Novo Mundo (América) como bem explicou o escritor uruguaio Angel Rama em seu livro *A Cidade das Letras*¹²⁷, ao nos mostrar que as cidades na América Latina obedeceram à ordem das cartas de fundação, das letras, não precisava nem do desenho. Essa linguagem gramatizada construía não só uma ordem de percorrê-la em zigue-zague como num jogo de xadrez, mas também teria seu correspondente na construção de um novo pensamento também tabular. Assim, o mundo dito civilizado pela linguagem esvaziava-se cada vez mais de toda profundidade espacial de sentido. Tudo doravante passava a se justificar pela aparência, pela externalidade mesma, analogamente à externalidade da escrita sobre a oralidade das palavras, pela externalidade do sentido agora fora da própria coisa, fora das coisas como um contrato, um símbolo mesmo.

A catequese

Assim os antigos sentidos de alguma maneira se tornaram amortecidos, esquadrinhados, retangularizados como as quadras (*manzanas*) das novas cidades. Desaprendeu-se a ver e a escutar a fala do mundo, dos seres e da natureza, incluso as formas de comunicação que existiam antes do aparecimento da linguagem como bem enunciou Zerzan. Parece que a linguagem como domesticadora coincide em sua ancestralidade com a diabolização da natureza praticada pelo

¹²⁷ Segundo Angel Rama. *A cidade das Letras*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.

cristianismo. Ao condenar os deuses da natureza e reivindicar um único deus onipotente e onipresente tal qual a linguagem, o cristianismo também estabeleceria a divisão entre selva e civilização, entre selvagem e civilizado, e selvagem e cristianizado.¹²⁸ Com a gramatização das línguas se criaria um novo sentido, a fala do mundo imposto por uma espécie de Lei Geral, cuja única intenção seria gerar um senso comum, um pensar comum, uniforme, no qual se eliminaria não só as diferenças linguísticas, os distintos modos de pensar e as suas formas de representação orais.

A Gramática Geral mediante a estruturação gramatical uniria em comum todas as línguas possíveis; instalando por consequência, borrando as diversas percepções do mundo de outras culturas, as suas cosmovisões. A esse processo também podemos chamar de “colonização”. O argumento central da gramática é o de que ela consiste em um conjunto de processos mentais, que são universais; portanto, a gramática é universal.

Não por acaso que tanto a *Lógica de Port-Royal* assim como a *Gramática de Port-Royal* (1660-1662) receberam esse nome em referência ao monastério jansenista de Port-Royal-des-Champs na França, onde os seus autores trabalhavam. Por exemplo, a *Gramática de Port-Royal* era coerente com os princípios teológicos e morais que influenciariam os colonizadores jesuítas catequizadores mundo afora.

Os jesuítas no Brasil, ao dedicaram-se à conversão dos indígenas, com esse intuito de conhecê-los e catequizá-los, tornarem literalmente os selvagens em humanos, dar-lhes alma, deram um passo importante na história dos estudos sobre línguas e linguagem desde a ótica europeia. Por outro lado, mutilaram uma infinidade de línguas nativas ao tentar mapear e produzir uma gramática geral, similar à ideia da *Gramática de Port-Royal*. Esses missionários produziram primeiramente uma transcrição da língua falada para a escrita, e consequentemente uma gramatização que ficou conhecida como as *Artes da gramática de duas línguas indígenas (tupi antigo e quiriri) faladas no Brasil colonial nos séculos XVI e XVII*. Desta mescla, surgiu então, a língua *Nheengatu* que em tupi significa “língua boa”, e que também ficou conhecida como língua brasílica; pertence ao tronco linguístico tupi-guarani e aos poucos foi sendo sistematizada e imposta a outros povos pelos jesuítas. Durante a maior parte do tempo, o *Nheengatu* teve a oralidade como a principal via de transmissão e manutenção, sendo o letramento um privilégio restrito aos colonizadores jesuítas e a alguns raros índios tapuias.

¹²⁸ Veja-se Fernando Fuão. *As casas dos três porquinhos*. Copelli-Texas: Amazon, 2024.

Como nos explica Ronaldo de Oliveira Batista em seu artigo, *Descrição de línguas indígenas em gramáticas missionárias do Brasil colonial*:

A postura linguística adotada no Brasil visava ao domínio da língua dos índios pelos jesuítas. Era necessário que o religioso conhecesse a língua para realizar missas que pudessem ser compreendidas pelos nativos e também para efetivar a confissão. Como resultado dessa política linguística, houve a produção de catecismos, gramáticas, vocabulários, listas de palavras e dicionários. Um material escrito para servir de subsídio para o ideal de conversão dos nativos para a fé cristã. (BATISTA, 2005, p. 4)¹²⁹

Todo o comprometimento da linguagem enquanto espécie de dispositivo civilizatório-colonizador retrata o processo que fomos, e ainda somos, submetidos: à tirania da gramática do falar, escrever, representar, pensar. Esse é o sentido profundo e único, universal, a partir do século XVIII que viria representar o humanismo. O que se perdeu nesse processo de uniformização e sufocamento dos sentidos, pela gramatização da linguagem, foi exatamente aquilo o que ela pretendia ajudar a explicar: o próprio ser.

A linguagem brevemente revisada

Uma vez feita essas considerações de âmbito geral, o primeiro texto que apresentaremos é o de John Zerzan chamado *Muito maravilhoso para as palavras (Too Marvelous for Words), a linguagem brevemente revisada* (2011), onde Zerzan fez a crítica à linguagem simbólica.¹³⁰ Para Zerzan, a linguagem é domesticadora por essência, e neste ensaio recorreu a vários autores como Feyerabend, Terence Hawkes, Michael Baxandall, entre outros para justificar tal fato.

Um dos aspectos talvez mais difíceis para se entender o pensamento de Zerzan é a questão radical da linguagem simbólica, porque algumas vezes está se referindo a escrita, outras à representação de um modo geral mesmo. Em todo caso, a linguagem simbólica, para Zerzan, refere-se a uma coisa que vem substituir a coisa em si por sua representação. Por exemplo, o sujeito por sua fotografia, ou uma coisa por uma palavra escrita, que muitas vezes já não guarda a mínima relação com a coisa a qual se refere. Pois é próprio do símbolo que não seja uma reprodução da realidade, mas só substituir ou sugerir algo. Na linguagem simbólica os signos

¹²⁹ Nesse sentido, veja-se também o trabalho de Fernando Macena de Lima. *Visão e Representação nas Gramáticas de Língua Tupi (Séculos XVI-XIX), Historiografia da descrição dos sistemas de posse*. (Dissertação). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Linguística, Pós-Graduação em Semiótica e Linguística. São Paulo, 2009.

¹³⁰ *Too Marvelous for Words* é o nome de uma música composta por Johnny Mercer interpretada por Frank Sinatra e Ella Fitzgerald.

se apresentam de forma abstrata e convencional em relação às realidades a que se referem. Na linguagem simbólica existe um vaivém constante entre as palavras e as coisas, entre elas e as significações, de tal forma que pensamento e linguagem são inseparáveis, indissociáveis.

Zerzan foi bastante crítico em relação à tese do “ser que se torna ser graças à linguagem” de Heidegger; para Zerzan, o ser não se torna ser pela linguagem, ou pensar pela linguagem simbólica, Zerzan argumenta que muito antes o ser já existia independente dessa linguagem, da palavra, do verbo. Zerzan explica ainda que realmente não se sabe de onde e quando a fala tem origem, mas certamente a escrita teria a sua origem logo após os primeiros processos de domesticação. Até 8.500 anos antes de Cristo os sinais gravados na argila, registros de transações agrícolas e inventários foram comuns no Oriente Médio. Cinco mil anos depois, a invenção grega do alfabeto concluiu a transição aos sistemas de escrita modernos. Zerzan nos mostrou que a realidade das práticas sociais precedentes às sociedades linguísticas foi escondida de nós pela justificativa das limitações empíricas de acesso aos tempos remotos. A existência primitiva foi traçada e considerada como irrelevante e as formas ancestrais de vida ficaram soterradas por causa da penetrante superestimação do simbólico da civilização.

A linguagem simbólica gera cada vez mais mediações para acompanhar estas criações das práticas sociais. E não devemos esquecer que a linguagem empregada no mundo da internet é uma linguagem simbólica mais sofisticada e trabalhada no âmbito da imagem, da escrita e do toque. Com a linguagem simbólica “a vida se tornou fragmentada, descentralizada; e as conexões com a natureza outrora existentes foram obscurecidas e dissolvidas. Em vez de reparar a ruptura, o pensamento simbólico colocou as pessoas na direção incorreta: em direção à abstração” (ZERZAN, 2002, p. 15).

Importante lembrar que nossa educação e aprendizagem, praticamente nos últimos cem anos, tem-se dado através de representações, praticamente todas as coisas do mundo foram substituídas por representações técnicas, imagens técnicas. A criança desde cedo, no colégio, conhece uma galinha, uma vaca, um porco, por sua representação, e só posteriormente alguns anos, talvez, depois vai conhecer esses seres. Outras nunca verão. O ensino da arquitetura é um exemplo disso, pois conhecemos todos os edifícios paradigmáticos da arquitetura por suas representações fotográficas ou filmicas; desde a entrada no curso, nos mostram a representação e as suas virtudes, por exemplo: o prédio da Bauhaus de Gropius e suas características, tal como se nomeia e se explica a uma criança o que é uma galinha ou um elefante mediante imagens, representações.

No fundo, Zerzan questionava por que o simbólico se espalhou como uma epidemia incubando-se no mundo inteiro, evidenciando um contraponto metafísico do aparecimento da

linguagem, como um acontecimento inexplicável, uma iluminação, *lichtung* (Heidegger); o surgimento dos homens através da linguagem como se fosse um milagre para se diferenciar dos animais:

[...] a vida se tornou fragmentada, descentralizada; e as conexões com a natureza outrora existentes são obscurecidas e dissolvidas. Em vez de reparar a ruptura, o pensamento simbólico coloca as pessoas na direção incorreta: em direção à abstração. [...] e a sede por transcendência é iniciada, ignorando a mudança de realidade que criou este desejo. Agora vivemos as nossas vidas diárias em um sistema mundial que está cada vez mais simbólico e desincorporado. [...] A linguagem foi uma intrusão que provocou uma série de transformações que resultaram na nossa perda do mundo. Uma vez, como Freud exprimiu, outrora “o mundo inteiro foi animado”, conhecido por todos de um modo completo, comprometido. Depois o totem de animais foi substituído por um deus, um poste-signo do avanço simbólico. (Sou lembrado que os indígenas idosos que são requisitados para fazer registros de áudio ou vídeo muitas vezes recusam, insistindo que o que eles dizem deve ser comunicado em pessoa, face a face. (ZERZAN, 2002, p. 15)

A linguagem foi um instrumento poderoso do desencantamento tecnológico e social. Como cada dispositivo simbólico, ela foi uma invenção. Mas, para Zerzan, ela não estabelece ou gera uma significação que antecipa a linguagem, melhor dizendo, ela confirma e altera a significação, via as regras da representação simbólica – a arquitetura de uma lógica do controle. Como nos esclarece Zerzan:

A linguagem tem uma qualidade de padronização; este desenvolvimento é linear ao desenvolvimento tecnológico que ele facilita. A imprensa a tinta, por exemplo, suprimiu dialetos e outras variantes de linguagem, criando padrões unificados de troca e comunicação. A alfabetização sempre serviu ao desenvolvimento econômico, e aspirou apoiar a coesão tão necessária para os Estado-Nação e o nacionalismo. [...] é uma força produtiva; como a tecnologia. Na era pós-moderna, tanto a tecnologia como a linguagem elas são dominantes, mas cada uma já mostra breves sinais de cansaço. Atualmente o simbólico não reflete nada muito além do que o hábito de poder atrás dele. A conectividade humana e a imediação corpórea foram negociadas por um sentido pálido da realidade. A pobreza e a manipulação da comunicação de massa são as versões pós-modernas da cultura. Aqui está a voz da modernidade industrial como ela é cyber/digital/virtual, refletindo o seu núcleo domesticado, uma faceta da produção de massa. (ZERZAN, 2002, p. 17)

Para Zerzan, a linguagem sempre fala de uma não-presença, a linguagem não usa a presença. Mais que isso: ela busca banir a presença e a sua transparência. Dan Sperber, segundo Zerzan, referiu-se a linguagem como uma “epidemiologia de representações”; e a sua metáfora de patologia é super adequada. No fundo, ele questionou por que o simbólico se espalha como uma epidemia. Ou como compreendeu William Burroughs quase nesse mesmo sentido: a linguagem como sendo um poderoso vírus.

A linguagem é um vírus

Uma ideia inesperada sobre a origem da linguagem surgiu do conceito provocativo de “linguagem como um vírus” que foi mais veiculado pela “Trilogia Nova” de William S. Burroughs. Talvez sua produção literária mais intrigante e desafiadora, três romances de ficção científica que podem ser lidos em ordem arbitrária, baseia-se na ideia de que a linguagem é, de fato, uma espécie de infecção viral imposta à espécie humana por uma espécie de invasores alienígenas, como forma de nos escravizar e controlar.

E não se trata de nenhuma metáfora, de nenhuma analogia. Em sua tese a linguagem é literalmente um vírus, uma forma maligna e letal que invade seus hospedeiros, multiplica-se neles e através deles atinge novos hospedeiros. Um vírus que atingiu primeiramente certo grupo de símios, tornando-os aptos a exercerem a linguagem:

O doutor Kurt Unruh von Steinplatz avançou uma teoria interessante quanto às origens e à história desse vírus da palavra. Ele partia do princípio de que a palavra era um vírus do que ele chama *mutação biológica*, provocando no hospedeiro uma alteração biológica que foi depois transmitida geneticamente. E, uma das razões por que os macacos não podem falar é porque simplesmente a estrutura das suas gargantas não estão destinadas a formular palavras. Ele parte do princípio de que a alteração na estrutura da garganta seria ocasionada por uma doença viral. E não de uma vez só. Essa doença pode bem ter provocado um elevado índice de mortalidade, mas algumas macacas terão sobrevivido para dar à luz os meninos-prodígio. Tendo provocado alterações na estrutura do hospedeiro que resultariam numa nova espécie, especialmente destinada a alojar o vírus, assim o vírus pode reproduzir-se sem perturbar o metabolismo, e sem ser reconhecido como vírus. Estabeleceu-se uma relação simbiótica e o vírus está agora inserido no hospedeiro que encara o vírus como uma parte útil de si próprio. Este vírus bem sucedido pode agora escarnecer de vírus marginais como a varicela e entregá-los ao Instituto Pasteur. (BURROUGHS, 1994, p. 12)

Para Burroughs, o vírus da linguagem pode ser combatido, destruindo e desconstruindo a linguagem, como na forma experimental de escrita usada para compor os três romances (“A Máquina Macia”, “Expresso Nova” e “O Bilhete que Explodiu”). Essa desconstrução da estrutura linguística poderia ser alcançada por meio das técnicas de “*cut-up*” e “*fold-in*”, que nada mais são do que procedimentos da “collage” aplicados à literatura, tal qual fizeram contemporaneamente Brion Gysin e Ted Joans; o *cut-up* consiste em recortar fragmentos de textos, frases ou grandes textos de revistas, livros, jornais e juntá-los em uma ordem ao acaso, ou então por meio de embaralhamento, e novamente cortar cada pedaço em pequenos pedaços e misturá-los, alternando-os em textos diferentes, mantendo a ordem dentro de cada texto. Assim como a collage de imagens e figuras é composta por imagens de distintos tempos, e produzidas por distintos autores, o método *cut-up* de Burroughs também se constitui numa fragmentação

da estrutura linear do tempo e da estruturação do pensamento domesticado. Isso é evidente na narrativa dos romances de Burroughs.

Tanto para Zerzan como para Burroughs a linguagem está intimamente ligada à percepção do tempo, a linguagem determina a própria construção do tempo. E uma não pode existir sem a outra. Por exemplo, basta observar a quantidade de conjugações verbais para o futuro que a gramática inventou: futuro do pretérito, futuro do presente, futuro do subjuntivo. Pode-se argumentar que alguma forma de percepção do tempo claramente existe em animais que não produzem linguagem, mas o que parece mais difícil de argumentar é a existência da linguagem e da estrutura linguística disjuntas da temporalidade.

A originalidade maior dessa teoria burroughsiana, segundo Marcel Pauluk em seu artigo *William S. Burroughs, o vírus da linguagem e a máquina de produzir alucinações*, foi considerar a linguagem como algo invasor que vem de fora do homem mesmo, ou mais propriamente, algo que quando o invade o faz homem. A linguagem, em si, é inumana. O vírus de Burroughs não atua apenas biologicamente, o vírus da linguagem é também o vírus do signo, da cultura. Ele atua simbolicamente. Depois de infectado, o homem passou a conviver com a linguagem numa relação simbiótica. O simbólico agora vive no homem. E vice-versa. Como disse Pauluk:

A perspectiva burroughsiana não é simplesmente não-logocentrista. Ela é o avesso do logocentrismo. Não precisamos da língua, precisamos de um sistema semiótico qualquer. Esse sistema, a princípio, está na própria natureza: só precisamos lê-lo. Como antes, quando se lia o “grande livro da Natureza”, lemos a palavra escrita nas coisas, como se o mundo fosse hieroglífico. Os sistemas de escrita viriam depois, muito depois. E somente serviriam de apoio para a rememoração de algo que já vinha sendo inscrito há muito tempo, reproduzindo-se sem cessar: o significante, a palavra escrita burroughsiana, este vírus da linguagem. [...] Não precisamos da língua, precisamos de um sistema semiótico qualquer. Esse sistema, a princípio, está na própria natureza: só precisamos lê-lo. (PAULUK, 2002, p. 6)

Janos Leite reforça esta ideia ao comentar que

a mediação simbólica e logocêntrica entre sujeito pensante e mundo material é uma das bases da teoria materialista: na qual a realidade só pode ser apreendida por meio de palavras. Mas a linguagem não permite que a realidade material corresponda ao pensamento: ela cria um recorte da realidade [...] sobre aquilo que não pode ser manipulado, assim é preciso permanecer calado. O silêncio é a parte da experiência humana que resiste à domesticação do pensamento. (LEITE, 2009, p. 2)

Quando fizemos na apresentação deste ensaio a pergunta: quem fala por mim? Burroughs responderia: “não sou eu que falo, mas o vírus que está em mim”. Como nos explica ainda Pauluk:

No princípio era a palavra e a palavra era Deus e desde então tem permanecido um mistério. A palavra era Deus e a palavra foi carne, dizem-nos. No princípio de que exatamente esteve essa palavra inicial? No princípio da história escrita. Pressupõe-se em geral que a palavra falada antecedeu a palavra escrita. Eu sugiro que a palavra falada, tal como a conhecemos, é subsequente à palavra escrita. No princípio era a palavra e a palavra era Deus e a palavra foi carne... carne humana... No princípio da escrita. [...] A palavra escrita de Burroughs aparece não com o homem, mas com o vírus. Ela é o vírus. É o significante que capacita o homem a ler. O antropídeo infectado que lê a palavra escrita de Burroughs é aquele capaz de ver num risco “Francisco”. Foi aprendendo a ver um fim num meio, ou seja, aprendendo a usar ‘uma coisa como se fosse outra coisa, que o homem descobriu o uso do significante. Um meio para se atingir fins é, a grosso modo, o que chamamos técnica. A manipulação dos significantes, movimento instaurador da semiose, é o ponto de partida para articular um código que se inscreverá no próprio homem, relacionando o sistema externo, o mundo que o cerca, com um novo sistema interno: o pensamento racional. (PAULUK, 2002, p. 8)

Dentro dessa espécie de virologia da linguagem, Jacques Derrida também compararia a Desconstrução por ele proposta à uma espécie de vírus:

O vírus é em parte um parasita que destrói, que introduz uma desordem na comunicação. Mesmo do ponto de vista biológico, isto é o que acontece com um vírus; ele descarrilha um mecanismo do tipo comunicacional, seus códigos e suas decodificações. Por outro lado, ele é alguma coisa que não é nem vivo, nem não vivo; o vírus não é um micróbio. E se você segue essas duas ameaças, aquele parasita que interrompe a destinação de um ponto de vista comunicativo – interrompendo a escrita, inscrições e a codificação e a decodificação da inscrição – o qual, por outro lado não é vivo nem morto, você tem a matriz de tudo que eu tenho feito desde que eu comecei a escrever. (SALINGAROS, 2003, p. 66-82)¹³¹

Parecia um tanto absurdo quando Burroughs nos anos 1960 levantara essa questão, entretanto, hoje, um dos grandes nomes da neurociência Miguel Nicolelis, numa recente entrevista a Breno Altmann no Programa “20 minutos”, comenta acerca da *Brain Net* colocando em questão o aparecimento da linguagem e apresentando uma outra forma de comunicação anterior entre todos os seres:

A minha teoria é que grupos sociais, desde a origem das bactérias até nós, seres humanos, a natureza percebeu que formar grupos sociais de indivíduos é o melhor algoritmo de sobrevivência da matéria orgânica. Não é à toa que bactérias vivem em colônias, formigas formam formigueiros, macacos vivem em bandos, lobos, enfim... e nós também. E, pra isso, pra você formar grupos sociais coesos, a minha teoria é que você precisa sincronizar os cérebros dos animais que têm cérebro. Sincronizar a atividade elétrica dos cérebros de cada um dos indivíduos. E, para isso, a linguagem é um elemento. Mas, antes da linguagem surgir outros animais – e nós mesmos antes da linguagem já conseguíamos essa sincronização através do sistema tátil, visual, olfativo, gustativo. Todos os nossos sistemas sensoriais fornecem essa “argamassa” pra criar as *brain nets* (redes neurais). O mundo natural mostra isso. Quando você vê

¹³¹ Nikos Salingaros. *O vírus Derrida*. Tradução para a língua portuguesa feita por Livia Salomão Piccinini. Este artigo foi publicado primeiramente em inglês no jornal *TELOS*, número 126 (2003), p. 66-82, e é agora o capítulo 11 do livro “Anti-arquitetura e Desconstrução” do mesmo autor.

matilhas de lobos caçando, manadas de elefantes – que, aliás, são matriarcais – se comunicando, essas comunicações não dependem só da linguagem oral, nem da linguagem vocal dos animais. Existe toda sorte de sinais naturais. Eu estou estudando muito a olfação nesse momento, e é maravilhoso ver como a natureza criou sinais olfativos pra sincronizar grupos de animais em grupos sociais coesos. Porque as chances de sobrevivência aumentam dramaticamente. Não é à toa que os pássaros voam em bando, que os peixes nadam em cardume: a chance de um indivíduo ser caçado por um predador diminui muito se ele está num grupo coeso. Essa é a fórmula encontrada pela natureza pra aumentar as chances de sobrevivência das presas.¹³²

Assim explicou Leite (2009, p. 5) de uma maneira mais poética e direta: toda pessoa experimenta o mundo “sem linguagem” quando nasce. Crianças conversam com plantas, animais, pedras, estrelas... Acreditamos que elas vivem num mundo mágico que precisa ser abandonado para que ela se torne adulta. Esta é uma crença cultural. Na medida em que aprendemos a linguagem civilizada, silenciemos o mundo e nos afastamos dele.

Zerzan e Rupert Sheldrake

Jacques Derrida em seus últimos anos dedicou-se a tratar e questionar a questão do *logos* e da linguagem a partir dos animais em seu livro *O animal que logo sou*. Esta questão tem especial importância para a ética animal, uma vez que nosso conceito de ética também foi definido tendo o *logos* como o princípio central. O logocentrismo humano expurgando dos animais, obviamente, a questão da linguagem, como bem apontou Nicolelis e, sobretudo, o biólogo e neurocientista Rupert Sheldrake, que agitou o mundo com a Teoria dos Campos Morfogenéticos ou Ressonância Mórfrica em seu livro *Uma Nova Ciência da Vida* (2013).

O que tem a ver a teoria dos Campos Morfogenéticos com a linguagem? A resposta é simples, e reforça a teoria de Zerzan, formulada bem antes, sobre a linguagem, e também coloca a teoria de Burroughs não como uma coisa totalmente absurda. Segundo Sheldrake, se olharmos ao passado, ao passado ancestral, antes do aparecimento da linguagem, todos os seres se comunicavam entre si através desses campos coletivos de informações, através de seus corpos (sons, cheiros, mediações entre plantas, ventos, visão), sem a necessidade da palavra escrita ou falada da linguagem simbólica. Deve ficar claro que não se tratava da ideia que temos hoje de telepatia, e sim de outra forma de comunicação como sugere Sheldrake e Nicolelis.

Sheldrake sugere que todos os sistemas naturais, desde cristais até a sociedade humana, possuem uma memória coletiva que influencia sua forma e seu comportamento. Certos campos invisíveis chamados “Campos Morfogenéticos” contêm informações e padrões herdados do

¹³² Nicolelis, Miguel. *Brain Net antes da linguagem*. Entrevista para Breno Altmann no “Programa 20 minutos”. Disponível em: <https://youtube.com/live/6iVM5n9Cg8g?si=IUqb9FopJ9rzhwn4>.

passado e que atuam sobre os sistemas atuais, esse fato explica como os padrões se repetem e se desenvolvem. Campos Morfogenéticos são campos invisíveis que moldam e organizam a forma e o comportamento de sistemas vivos, não são energéticos, e sim comunicacionais. Eles contêm informações e padrões do passado, que seriam transmitidos através da ressonância mórfica. Sheldrake sugere que esses campos são responsáveis por padrões de desenvolvimento, herança e memória. É importante ressaltar que não são beneficiários somente de coisas positivas, eles são constituídos por hábitos, sejam positivos ou negativos. E hábitos, obviamente, são o resultado de conjuntos preestabelecidos, o que torna a questão da domesticação ainda mais comprometedor e os seus danos mais profundos. Para Sheldrake, os hábitos não são apenas individuais, mas também coletivos, moldando o comportamento de sistemas inteiros por meio de uma espécie de “memória” de eventos passados.

A “Teoria do Centésimo Macaco”¹³³ apresentada por Sheldrake no livro *Uma Nova Ciência da Vida* explica que um comportamento aprendido em uma população se espalha para outras populações mesmo geograficamente distantes. O processo responsável pela coletivização da informação foi batizado por Sheldrake com o nome de “Ressonância Mórfica”. Por meio dela, as informações se propagam no interior do campo mórfico, alimentando uma espécie de memória coletiva. O que se transmite através deles é pura informação. É isso que nos mostra o exemplo dos macacos. Nele, o conhecimento adquirido por um conjunto de indivíduos agrega-se ao patrimônio coletivo, provocando um acréscimo de consciência que passa a ser, então, compartilhado por toda a espécie.

São vários pensadores de diversas áreas que começam a colocar sobre julgamento e validade a questão da primazia da linguagem no homem, o dito “humano”; uma das questões mais potentes que Sheldrake apresentou também foi a colocação da consciência (*logos*) como primazia humana, mais especificamente a questão da consciência localizada no cérebro. Para Sheldrake, em seu livro *Ciência sem dogmas* (2014), a verdadeira consciência não estaria no cérebro, estaria fora do cérebro, nos campos morfogenéticos, em qualquer lugar, e o cérebro atuaria como uma espécie de receptor e irradiador da comunicação entre essa diversidade de campos morfogenéticos de todas as espécies. Sheldrake vai mais longe ao tentar resgatar antigas

¹³³ A “Teoria do Centésimo Macaco” é uma história contada inicialmente por Lyall Watson no livro *Lifetide: the biology of the unconscious* e por Ken Keyes Jr. no livro *The hundred monkey*. Fala a respeito de uma experiência realizada numa ilha do Japão, onde havia uma colônia totalmente selvagem de uma espécie de macacos. Essa história foi popularizada pelo biólogo Rupert Sheldrake. A teoria sugere que quando certo número de indivíduos de uma espécie adquire um novo conhecimento ou comportamento, esse conhecimento ou comportamento se espalha instantaneamente para o resto da espécie, mesmo sem contato direto entre os indivíduos. Sheldrake denominou este processo de “ressonância mórfica”. A teoria envolve macacos em duas ilhas separadas que não tinham comunicação entre si. Na primeira ilha, um grupo de macacos aprendeu a lavar batatas-doces na água do mar para remover a areia antes de comer. Quando o centésimo macaco aprendeu a lavar as batatas, de repente, todos os macacos da ilha começaram a lavar as batatas, e o hábito se espalhou para a segunda ilha, mesmo sem contato entre as comunidades.

teorias, pelo menos em parte, e sem negar o avanço da neurologia, que o coração também pensa, é um órgão pensador. Além disso, vai pontuar que o cérebro e o coração partilham do pensar, e que pensamentos que predominam no coração acarretam ações; às vezes, transcorrido algum tempo depois, parecem mais satisfatórios do que a dita lógica consciente.

De um modo ou de outro, seja falsa ou verdadeira, a hipótese do centésimo macaco de Sheldrake ilustra uma das mais ousadas e instigantes ideias científicas da atualidade: a hipótese dos “campos mórficos”, que, talvez, colaboram para repensar a questão da linguagem como tem sido abordada até o presente momento.

Correndo no vazio, o fracasso do pensamento simbólico¹³⁴

Em *Correndo no vazio, o fracasso do pensamento simbólico* (2002), John Zerzan segue trabalhando o tema da linguagem simbólica como elemento da domesticação e como uma forma fundamental de falsificação da realidade. Ele volta a insistir que os símbolos primeiramente mediaram a realidade e depois a substituíram: “No presente, vivemos com os símbolos num grau maior do que vivemos com nossos corpos ou diretamente uns com os outros.” (ZERZAN, 2002, p. 1). Por exemplo, nós nos comunicamos mais tipo via telefonia, internet, fotografias, imagens etc., do que propriamente com nossos corpos diretamente:

Quanto mais absorvido este sistema de representação interna, maior é a distância que nos separa da realidade ao nosso redor. [...] Debord descrevia a sociedade contemporânea como a aplicação da proibição da vida em favor de sua representação: as imagens agora no comando conduzem nossas vidas. Mas este não é um problema novo. (ZERZAN, 2002, p. 1-2)

Entretanto, será exatamente sobre a filosofia a partir de Heidegger, sobre a entranhável relação entre linguagem e “ser”, esses pilares do pensamento moderno, que John Zerzan atacará a questão da linguagem em *Correndo para o vazio*, como a casa do ser, pensar e falar, e também um ataque frontal a questão da linguagem como clareira (*lichtung*), iluminação de Heidegger. Diz Zerzan:

Existe um imperialismo, um expansionismo da cultura desde o princípio. E quanto já se conquistou? A filosofia hoje em dia diz que é a linguagem o que pensa e fala. Mas durante quanto tempo tem sido assim? [...] Sua razão instrumental é tão somente esta:

¹³⁴ Talvez a melhor tradução fosse “Correndo para o vazio” como propõe Janos Leite: “Nossa idolatria à filosofia, à ciência e à linguagem tropeça na crise civilizacional que ameaça varrer todos os nossos feitos para o vazio.” (LEITE, 2009, p. 2).

manipular e procurar dominar. Sua forma de atuar é “que a represente b”, em lugar de que “a seja b”. (ZERZAN, 2002, p. 2)

O que Zerzan nos apresentará será um outro conceito de cultura distinta, digamos: uma “não cultura”, isenta da atávica necessidade e da adição da representação da qual estamos acostumados. Se algo precisa de representação para identificar-se é porque algo se perdeu, ou realmente está ausente.¹³⁵ Zerzan não só recuperará o tema da animalidade e da crítica ao *logos*, como o fez Derrida n’o *Animal que logo sou*, na passagem abaixo:

A divisão definitiva entre corpo e mente, atribuída a Descartes em suas formulações no século XVII, é o epicentro da sociedade moderna. Aquilo ao que se considerou a grande “ansiedade cartesiana” sobre o espectro do caos moral e intelectual, foi resolvido em favor da supressão da dimensão sensual e passional da existência humana. De novo, vemos a urgência domesticadora que fundamenta à cultura, o medo de não estar sob controle, agora atacando aos sentidos como uma vingança. Enquanto a ciência e a tecnologia têm uma licença teórica para proceder sem limites, o conhecimento sensual tem sido efetivamente erradicado em termos de pretender a verdade ou o entendimento. (ZERZAN, 2002, p. 8)

Zerzan iria em *Correndo no vazio* elaborar a crítica à ideia de cultura, comprometendo e revelando que a cultura está intimamente associada à domesticação, cultura hoje essa que está na base da ciência e de tudo e que se tornou sinônimo de civilização, e de como ela está basicamente fundamentada na linguagem. “A palavra ‘cultura’ deriva do latim ‘cultura’, que se refere ao cultivo da terra; isto é, a domesticação das plantas e dos animais – e de passagem, de nós mesmos” (ZERZAN, 2002, p. 3). Em outras palavras:

[...] isto tem a ver com o surgimento da agricultura, chegando até os dias de hoje com a mecanização agrícola. A cultura surgiu e floresceu através da dominação da natureza, seu crescimento é uma medida dessa maestria progressiva que se desdobrou com a divisão ainda maior do trabalho (ZERZAN, 2002, p. 8).

Prossegue Zerzan:

A cultura é um assunto bastante recente. A arte rupestre mais antiga, por exemplo, é de aproximadamente 30.000 anos atrás, e a agricultura só começou a se sistematizar a cerca de 10.000 anos atrás. O elemento que faltava durante o enorme intervalo em que nossa capacidade intelectual foi suficiente para possibilitar a simbolização, mas não a produzia, foi uma mudança em nossa relação com a natureza. Parece plausível

¹³⁵ Em “*A representação de Mathias*” (2004), Fuão levantou o debate sobre os limites toleráveis da representação desde o ponto de vista político e ético, assim como examinou seu impensável desaparecimento. Ou seja: como poderemos viver sem as imagens circulantes imperiosas presentes na mídia? Como poderemos visualizar um mundo não mais mediado por imagens técnicas de qualquer espécie? Mas apenas por apresentações do corpo? Falou não só de representação, mas também de uma digitalização do esquecimento, da alienação, da cegueira. Porque é função mesmo da representação esse duplo paradoxo: fazer lembrar o representado e fazer esquecer por que se representa. É justamente o reino do incalculável, inumerável, da imprecisão, do proibido, onde se desborda os limites da representação, do questionamento.

ver neste intervalo, uma recusa em tentar controlar a natureza. Pode ser que esta tendência se fez presente apenas quando se introduziu esta luta pelo domínio, provavelmente de forma inconsciente e mediante uma divisão gradual do trabalho, quando a simbolização das experiências começou a se firmar. (ZERZAN, 2002, p. 5)

A cultura simbólica suprime os canais de consciência sensoriais, como se referiu Nicolelis, nós vivemos uma existência a cada vez mais tecnológica, domesticada e sofisticada, levando-nos a confundir civilização com abundância e pobreza como selvageria ou estado de barbárie.

É evidente como foram domesticados nossos sentidos nessa atmosfera cultural simbólica: submetidos, separados, dispostos numa reveladora hierarquia. A visão, sob o jugo da perspectiva linear moderna, o mais distanciador dos sentidos, foi o meio pelo qual o indivíduo foi transformado num espectador, e o mundo num espetáculo; e o corpo um objeto ou modelo. A primazia do visual não é acidental, já que a elevação deste sentido permitiu construir a base do princípio de controle ou dominação. O som ou o ouvir como o centro dos sentidos seria muito menos adequado para a domesticação, já que rodeia e penetra o falante tanto como ao que escuta.

[...]

Fora da civilização, a comunicação abarcava todos os sentidos, uma condição ligada às características-chaves do coletor-caçador de abertura e cooperação. A capacidade de ler e escrever nos introduziu na sociedade dos sentidos divididos e reduzidos, e tomamos como se fosse um estado natural esta depravação sensorial, tal e como tomamos por natural essa capacidade de leitura e escritura. (ZERZAN, 2002, p. 9)

Significativo sobre este “sentido” é o livro *À escuta* de Jean-Luc Nancy (2014) que articula o escutar com o pensar, já que “pensar” e “pesar” tem correlações inegáveis em sua origem etimológica, ainda que, em *À escuta*, Nancy não questione radicalmente a linguagem, detendo-se na questão da escuta, no timbre, no timpanizar do corpo todo que escuta, porém não aprofundou nem mesmo a questão do silêncio, o silêncio da linguagem, como expressou Zerzan:

A civilização é uma conspiração de ruído, projetada para encobrir os silêncios desconfortáveis. Wittgenstein, que honra o silêncio, compreendeu a perda de nossa relação com ele. O presente silencioso é um tempo de evaporação da capacidade de atenção, erosão do pensamento crítico e diminuição da capacidade de vivenciar experiências profundas. O silêncio, assim como a escuridão, é difícil de encontrar; mas a mente e o espírito precisam de seu sustento. Agora, é a ausência de silêncio que torna o mundo de hoje vazio e isolado. Suas reservas foram invadidas e esgotadas. A máquina avança globalmente e o silêncio é o lugar cada vez menor onde o ruído ainda não penetrou. Não haverá libertação dos humanos sem a ressurreição do mundo natural, e o silêncio é muito pertinente a essa afirmação. O grande silêncio do universo gera um temor silencioso. (ZERZAN, 2007, p. 1)

Zerzan nos explica também que não foi somente a primazia da visão sobre a audição, sobre a escuta. Os outros sentidos, como o olfato, também perderam sua importância ao serem suprimidos pela cultura, e este mencionado era na antiguidade um meio vital de conexão com o mundo.

A literatura, e a própria ciência tem ignorado, recusado, o olfato como uma forma de conhecer o mundo; quase que propositadamente o sentido do olfato, por sua impotência de registro, acabou sendo reduzido aos animais, o animal que cheira o outro. Também percebemos o outro pelo cheiro que se avizinha antes mesmo de avistá-lo; também a comunicação do mundo: o mundo exala em sua fala, se comunica por cheiros. A civilização menosprezou o cheiro enquanto sentido de conhecer o mundo, reservando-o para outros animais; assim, grosso modo, a visão se exacerbou sobre os demais sentidos, foi isolada de alguma forma e passou a ser considerada como o sentido mais humano. Já não sabemos distinguir a infinidade de cheiros e quicã de sabores que significam; distinguimos poucos cheiros, e muitos deles artificiais.

E, depois de tudo, como diz Zerzan:

[...] o olfato é pouco útil para o propósito da dominação; considerando como o olfato pode de forma direta trazer da memória inclusive recordações muito distantes, possivelmente, é inclusive uma forma de habilidade anti-dominação. Lewis Thomas (1983) indicou que “o ato de cheirar algo, qualquer coisa, assemelha-se muito ao fato de pensar em si mesmo”. Se não o é, muito possivelmente o foi, e deveria sê-lo de novo. (ZERZAN, 2002, p. 7)

Em suma, Zerzan em *Correndo no vazio, o fracasso do pensamento simbólico* fez em poucas páginas uma contundente crítica a divisão dos sentidos e ao aniquilamento dos outros sentidos que a linguagem simbólica não podia capturar. Outro dos sentidos que Zerzan vai tocar é o próprio tato, o tocar, o tocante e o tocado. Uma das perdas da dita civilização foi a perda de tatear o mundo como forma de conhecer e senti-lo, conhecer é encontrar o sentido das coisas, e muitas para ter o sentido é necessário tocá-lo, sentir o mundo vivo. Neste tocante está o extenso e profundo livro *Le Toucher* de Jacques Derrida em homenagem a Jean-Luc Nancy. O ato de tocar para Derrida é o supremo sentido, ele está ativo e participa o tempo todo junto com os demais sentidos, ele engloba todos os sentidos; por exemplo, o paladar só existe graças ao tocar com a língua, o beijar com o tocar dos lábios, tocamos o mundo com os pés, a própria visão é tocada, o meu olhar toca o outro quando lanço o olhar, o olhar do outro me toca, a música é tocada e nos toca. As palavras nos tocam, nos timpanizam. O mundo nos toca o tempo inteiro, mas infelizmente esse “tocar” tem se restringido somente a mão, e hoje dos dedos que digitam.

Tocar

E com razão, a mão é o sentido da economia, a mão de obra, também o sentimento do humano, e o trabalho que ela realiza é a própria economia, a própria casa, a própria morada

como descreveu Lévinas em *Totalidade e Infinito*. A morada passa pela construção da mão, pela economia e política da mão, sua importância revela-se mais ainda com os deficientes auditivos e de fala que se expressam pelas mãos, por Libras. O mais próprio do próprio do *humano*, talvez, esteja também na mão, na *mano* (*Human*). A mão é uma espécie de senha única, uma identificação, um envio ao ser e a sua morada, a sua propriedade.

O exercício de aplicá-la, calcá-la sobre uma superfície, ou o exercício de contornar seus dedos à lapis como se fosse um território do próprio, configura-se a primeira autocartografia, mapa que as crianças fazem em seus primeiros anos. Entretanto, tal representação hoje é entendida como infantil e primitiva. Mas, ao contrário, ela é o equivalente a um autorretrato. É no espaço dos entre dedos que a criança começa a se conhecer e conhecer o mundo. A mão mesmo antes da fisionomia do rosto é portadora da identidade, a maneira mais imediata de se autorrepresentar, assim como nas pinturas rupestres da antiguidade. Em cada mão um rosto, e só a mão, o tato do corpo pode sentir a mão do outro. A mão fala, escreve, escuta, sente e guarda.¹³⁶

Todos os nossos sentidos foram totalmente domesticados, como se refere Zerzan, por exaltação ou aniquilamento, agora nos cabe resgatar o aniquilado. Uma pintura de George Grosz, sem título, datada de 1920, retratou exemplarmente a questão da perda da humanidade na modernidade, ao representar o processo de domesticação proporcionada pela arquitetura e pelo trabalho industrial através da perda das mãos. Sua pintura é uma contundente crítica à cidade e a arquitetura moderna da chamada “Nova objetividade”, assim como a mecanização, a industrialização e a perda da manufatura. Em sua pintura, Grosz colocou em primeiro plano uma figura meio humana meio autômata, sem as duas mãos e com uma cabeça sem rosto, em meio a uma cidade moderna sem pessoas, numa estética metafísica chiriquiana. Esses dois temas (rosto e mãos) seriam tratados com destaque na filosofia da alteridade de Lévinas.

A modernidade poderíamos caracterizá-la metaforicamente pela cultura da mão cerrada, a civilização dos sem mãos, um aniquilamento do tocar em todos os sentidos. De alguma maneira, metaforicamente, nossos edifícios colocam toda interioridade do mundo no interior da mão fechada e no olhar que só vê superfície, superficialidade e a profundidade construída pela perspectiva. A civilização da domesticação, hoje, prescreve o afastamentos dos corpos, o isolamento, o insulamento, o esquadriamento.

Os animais e as plantas, a terra, os rios, e as emoções humanas, os sentidos ficaram isolados e submetidos à análise da máquina da visão, privilegiou-se as representações em ilusão

¹³⁶ Sobre o trabalho da mão veja-se Fernando Fuão. *As formas do acolhimento*, em específico o capítulo: “Cola e ‘Com-tato’”.

de profundidade, a visão máquina cujo objetivo é fragmentar o mundo e afastar uns dos outros ainda que muito próximos, um exemplo disto é o uso do celular. Tanto Freud como Marcuse, e outros, viram que a civilização demanda a sublimação ou repressão dos prazeres dos sentidos que causam proximidade, de maneira que o indivíduo possa ser assim convertido em um instrumento do trabalho: “O controle social, através da rede simbólica, arranca deliberadamente a importância do corpo. Um contra mundo alienado, direcionado para uma ainda maior alienação, através de um aumento cada vez maior da divisão do trabalho” (ZERZAN, 2002, p. 8).

A cultura triunfou finalmente com a domesticação. A extensão da vida se estreitou, especializou-se, forçadamente divorciada de seu estado de graça e liberdade espontânea anteriores. [...] Hoje está na moda, para não dizer que é obrigatório, sustentar que a cultura sempre existiu e sempre existirá. Ainda que seja demonstrável que existiu uma extremamente longa era “não-simbólica” humana, possivelmente cem vezes mais longa que a da civilização, e que o que se entende por cultura só existe à custa da natureza, se ouve por todas as partes que: o simbólico – como a alienação – é eterno, assim, como as questões sobre a origem e o destino da linguagem não fazem sentido, e que nada pode ser traçado além do semiótico no qual tudo está aprisionado. [...]

A vastidão era anterior à chegada do ser simbólico, é uma realidade imensamente proeminente, e uma interrogação para alguns. Comentando sobre este “período que abarca mais de um milhão de anos de duração”, Tim Ingold (1993) chamou-o “um dos enigmas mais profundos conhecidos para a ciência arqueológica”. Mas a longevidade desta época estável, não cultural, tem uma explicação singela: como conjecturou F. Goodman (1988), “era uma existência tão harmoniosa e uma adaptação tão bem sucedida”, que não se alterou materialmente durante milhares de anos. (ZERZAN, 2002, p. 4-5)

REFERÊNCIAS

BATISTA, Ronaldo de Oliveira. Descrição de línguas indígenas em gramáticas missionárias do Brasil colonial. *Delta – Revista de Documentação em Estudos de Linguística teórica e aplicada*. 21 jun. 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-44502005000100005>.

DERRIDA, Jacques. *O animal que logo sou*. Tradução de Fábio Landa. São Paulo: Editora UNESP. 2002.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

_____. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis: Vozes, 1977.

_____. *O nascimento da clínica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977.

FUÃO, Fernando. *As casas dos três porquinhos*. Copelli-Texas: Amazon. 2024.

_____. Arquitetura e Domesticação I. *Vitruvius*. *Arquitextos*. 272.00 antropologia e arquitetura. Ano 23, jan. 2023.

Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/23.271/8703>.

_____. Arquitetura e Domesticação II. *Vitruvius*. *Arquitextos*. 273.00 antropologia e arquitetura. Ano 23, fev. 2023.

Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/23.273/8721>.

_____. As formas do acolhimento na arquitetura. In: SOLIS, Dirce Eleonora Nigro; FUÃO, Fernando Freitas (Orgs.). *Derrida e arquitetura*. Rio de Janeiro, EdUERJ 2015.

HEIDEGGER, Martin. Construir, Habitar, Pensar. In: *Ensaio e Conferências*. Trad. Maria Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. *Ser e tempo*. Trad. Fausto Castilho. Petrópolis: Vozes, 2012.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu*. Palavras de um xamã Yanomami. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LEITE, Janos Biro Marques. Etologia da domesticação: ensaio de filosofia da biologia. *Revista Espaço da Sophia*, n. 31, 2009.

LÉVINAS, Emmanuel. *Totalidade e Infinito*. Lisboa: Edições 70. 1980.

LIMA, Fernando Macena de. *Visão e Representação nas Gramáticas de Língua Tupi (Séculos XVI-XIX), Historiografia da descrição dos sistemas de posse*. (Dissertação). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Linguística, Pós- Graduação em Semiótica e Linguística. São Paulo. 2009.

NANCY, Jean-Luc. *À escuta*. Tradução de Fernanda Bernardo. Belo Horizonte: Edições Chão da Feira, 2014.

NICOLELIS, Miguel. *Brain Net antes da linguagem*. Entrevista para Breno Altmann no “Programa 20 minutos”.

Disponível em: <https://youtube.com/live/6iVM5n9Cg8g?si=IUqb9FopJ9rzhwn4>.

PAULUK, Marcel Pereira. William S. Burroughs, o vírus da linguagem e a máquina de produzir alucinações. *INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Bahia, Salvador. 1 a 5 set. 2002, p. 5-22.

RAMA, Angel. *A cidade das Letras*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.

SALINGAROS, Nikos A. O vírus Derrida. Tradução para a língua portuguesa feita por Livia Salomão Piccinini. *Jornal TELOS*, número 126 (2003), p. 66-80.

SHELDRAKE, Rupert. *Uma Nova Ciência da Vida*. São Paulo: Grupo Pensamento. 2013.

_____. *Ciência sem dogmas*. São Paulo: Cultrix, 2014.

ZERZAN, John. *Correndo no vazio, o fracasso do pensamento simbólico*. Feral House, 2002.

_____. Silence. *The Anarchist Library*, 2007. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/john-zerzan-silence.html>. Acesso em: 18 de agosto de 2025.

_____. *Too Marvelous for Words (A linguagem brevemente revisada)*. 2011. Disponível em: https://protopia.fandom.com/pt-br/wiki/John_Zerzan:_Too_Marvelous_for_Words. Acesso em: 18 de agosto de 2025.

_____. *Contra a civilização* (Org.). Uncivilized Books, 1999. Edição expandida: Feral House, 2005.

_____. *Futuro primitivo*. Rosario: Kolektivo Editorial Último Recurso, 2004.

_____. *Quando somos humanos: notas da era das pandemias*. Feral House, 2021.